

## I

A OFENSIVA DA REACÇÃO

Nestes últimos dias e semanas, temos vivido um período difícil da nossa revolução. Uma fase de luta que não podia ser fácil. Que, mantendo-se ainda a sociedade de classes no no nosso país, e o imperialismo em parte do Mundo, significa a tentativa de reagrupamento, de acção e de regresso violento ao poder e à ditadura, daqueles mesmos sectores sociais e políticos que nos oprimiram durante decénios.

Esta ofensiva da reacção traduz, por um lado, a forma extremamente rápida e quase sem sangue como em poucas horas derrotámos, com a união Povo-MFA, a ditadura da violencia fascista, velha de 48 anos de opressão, assente em séculos de retrógada dominação anti-nacional. Por outro, exprime a sua tentativa de pôr termo ao decidido avanço que, desde o 25 de Abril, empreendemos contra a exploração e opressão de largas camadas populares, pela paz e pelo respeito dos direitos dos povos há muito colonizados em nosso nome, contra o nosso isolamento internacional dos países mais progressistas, pelo advento pelo povo, com o povo e para o povo do socialismo, da forma social superior e invencível de liberdade e felicidade.

Contra o nosso avanço e libertação sociais, o capitalismo, o monopolismo e o imperialismo tudo usaram e mais usarão ainda. Servem-se, contra a liberdade popular e revolucionária, da propaganda da social-democracia como se, entre nós ela conseguisse encobrir, além do propósito da manutenção da exploração capitalista, a mal velada tentativa de reintroduzir "democráticamente" na nossa sociedade, o velho domínio monopolista e o seu fascismo. Servem-se do radicalismo aparente e apenas burguês que, como é sabido e historicamente experimentado, apenas tenta lançar contra a revolução do povo a sua divisão e o comando mascarado de classes opressivas. Servem-se do obscurantismo e tentam reacender no país falsas guerras religiosas. Servem-se, por toda a parte, do saneamento à esquerda que é, afinal, a queda na doença da direita reaccionária. Servem-se da violencia em todos os terrenos, com o propósito de enfraquecer a revolução e as suas vitórias populares, debilitando a união do povo trabalhador, das cidades e dos campos. Servem-se do apoio de grandes agrários e do grande capital que sonham voltar a dominar os campos e sabotar, latifundiariamente, a reforma agrária. Servem-se da herança trágica do fascismo para, dificultando o caminho da revolução, tentarem opor o povo do campo ainda semi-feudal ao da cidade ainda capitalista. Servem-se do desigual desenvolvimento social para procurarem que o Norte do Continente Português se oponha ao Sul do país, preparando a base social e geográfica da guerra civil anti-democrática. Servem-se do burguesismo apátrida e pró-



nós e ligando-nos ao povo, na resistencia à reacção, o de, pela nossa acção e exemplo, ajudarmos a fazer superar, no povo, os efeitos democráticamente desmobilizadores das querelas ou divisões partidárias, que a reacção procura agora fomentar em favor do seu regresso, tal como, sob o fascismo, se serviu do partido unico imposto, para tentar conservar-se no poder.

Tal movimento, real e actualmente unitário, porque dominado pelos objectivos que são comuns a todos os reais partidários da sociedade trabalhadora e livre em Portugal, deverá desenvolver-se e firmar-se por todo o país.

Para existir e desenvolver-se o nosso Movimento de Defesa da Revolução deverá ter uma estrutura mínima adequada à sua acção e a máxima projecção nacional.

É assim que propomos que, até ao fim do ano, se realize, em Beja, um Congresso Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução aberto a todos os que, de Norte a Sul do país, compreendam a importancia que pode vir a ter a nossa actividade conjunta no combate e resistencia à reacção. No avanço, realização e consolidação de um Portugal do povo. Um Congresso que ajude a firmar a unidade dos trabalhadores manuais e intellectuais na via da activa defesa da democracia, do caminho socialista, da liberdade.

Que igualmente propomos e apelamos para a imediata constituição de Comissões Distritais, Concelhias, locais e outras deste nosso Movimento de Defesa da Revolução e de um Conselho Nacional que larga e unitariamente possa representar e regularmente encabeçar o nosso Movimento.

Que, finalmente, tornando-se essencial manter, pelo menos, um Secretaria do Provisório Coordenador e Impulsionador do nosso Movimento sejam encarregados do seu funcionamento até ao Congresso os mesmos elementos que foram eleitos na nossa ultima reunião, que poderão, em caso de necessidade e por sua deliberação, agregar outros às suas funções executivas.

O Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais para a Defesa da Revolução, deve, desde já, crescer por todo o país e ajudar a unir e a fazer actuar todos os trabalhadores intellectuais, através da imprensa diária e periódica, (páginas próprias, se possível), rádio, televisão, teatro (peças ou revistas que consagrem o nosso combate comum, apelos directos ao publico, etc.), cinema (filmes portugueses ou importados), livros (dedicados à nossa luta democrática de ontem e hoje), folhas de informação e esclarecimento, conferencias e cursos móveis contra a reacção, seminários, acção nas escolas e nas empresas, etc, enfim: exercer, ajudar o povo a exercer e exercer com ele, uma permanente vigilancia e resposta anti-reaccionária, que permita desmascarar, prevenir e derrotar a tempo, todas as formas e tentativas de acções dos candidatos a opressores, los que pretendem voltar a roubar-nos a liberdade e impedir o socialismo.



-imperialista para pretenderem roubar as ilhas atlânticas à nossa Pátria, preferindo-lhe a seguinte, e inevitável, dominação imperialista estrangeira.

Procuram assim impedir a liberdade popular total que é o socialismo. O socialismo que está ao alcance e é necessidade das camadas populares e trabalhadoras. Que é o seu destino.

A reacção é hoje, exactamente, esta ofensiva comandada pelas classes e sectores imperialistas e monopolistas já derrotados, a sua tentativa de degradar a nossa revolução, a nossa história, reduzi-la novamente à miséria e ao atraso, à negação do progresso.

## II

### RESISTENCIA À REACÇÃO

Para resistirmos à reacção, para podermos avançar para o socialismo, de que meios, nós, povo, dispomos hoje? Dispomos, com todas as suas dificuldades, do MFA. Dispomos de partidos revolucionários, democráticos e populares. Dispomos de inúmeras organizações populares em que na cidade e no campo, de Norte a Sul da nossa terra se tem afirmado e vencido a vontade popular de, graças à sua intervenção, transformar Portugal, renovar e libertar a nossa vida.

Mas, para defender a liberdade avançando, chegarão já as forças de que dispomos? Haverá a clara unidade de que carecemos? Não terá a reacção tentado, e até conseguido, após a sua decisiva derrota, usando mesmo a liberdade que é do povo e que a ela não pertence, mascarar-se em formas de organização partidária e outras, voltando-as contra o povo? Não alcançará ela, de tempos a tempos, até pela complacência interesseira de certos meios de informação, alguns exitos na desorientação popular? Não registaremos hoje, a par de imensas e inapagáveis vitórias na acção e defesa do povo, da sua revolução, perturbações e até afastamentos do processo revolucionário democrático de alguns sectores, locais ou profissionais, que, afinal, têm tudo a ganhar com ele? Não estará a burguesia exploradora exercendo uma múltipla e diversificada acção, tendente à divisão popular, ao adiamento do socialismo?

A realidade é que hoje, quanto mais avançamos, de mais força popular precisamos.

Assim é o combate. Assim é a vitória do povo.

## III

### MOVIMENTO DOS TRABALHADORES INTELECTUAIS CONTRA A REACÇÃO

É nesse sentido que colhendo, nós, hoje, em liberdade e para sua defesa e avanço, uma das mais ricas e densas lições de luta unitária de todo o nosso povo sob o fascismo e contra ele, propomos a todos os homens e mulheres que se dedicam às ciências, à arte, às letras, ao ensino, etc, a criação de um amplo e largo Movimento, aberto aos democratas, qualquer que seja a sua corrente, cujo objectivo seja o de unir-nos, de facto e activamente, entre



na revolução popular portuguesa e connosco a defendam aderindo ao nosso Movimento.

Que o entendam, é tempo, como uma arma de protecção das suas próprias vidas, do futuro da nossa Pátria.

Que saibam, que aprendam, que só agindo hoje pela Revolução Democrática, em defesa da acção e conquistas populares, se pode estar certo de viver e de viver livre.

Apelamos igualmente para a ajuda de todos os portugueses que nos queiram apoiar, para que entrem imediatamente em contacto connosco, através da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Amigos: A liberdade é hoje. A liberdade tem de ser amanhã. Para o ser, a resistencia à reacção deve ser de sempre.

Unidade e luta é o caminho da vitória. Não há outro. Lutemos. O povo de Portugal precisa de nós, de cada um de nós.

Ganhemos o direito à vida e liberdade, defendendo-o.